

COISAS
DA

VIDA

MODA
 A TEMPORADA DE OUTONO-INVERNO EM MILÃO MOSTRA QUE OS ANOS 80 CONTINUAM INFLUENCIANDO ESTILISTAS
 PÁGINAS 4 E 5

CULINÁRIA
 DEPOIS DOS EXCESSOS CARNAVALESÇOS, É HORA DE REPOR AS ENERGIAS COM PRATOS LEVES, COMO CAMARÃO E FRANGO
 PÁGINA 8

Foto: Kleber Lima



MAURA, 18 ANOS, E AINDA NA 4ª SÉRIE, FESTEJA COM ANTECIPAÇÃO A CHEGADA DA ESCOLA DE ALVENARIA: "AGORA NÃO VAI TER MAIS PROBLEMA DE AULA QUANDO CHOVER"

SEDUZIDOS PELA MODERNIDADE

OS QUILOMBOLAS DE KALUNGA, EM GOIÁS, SÓ ENTRARAM EM CONTATO COM O HOMEM BRANCO EM 1982. DESDE ENTÃO, TÊM DEIXADO DE LADO SUA TRADIÇÃO. A EDUCAÇÃO FORMAL APENAS REFORÇA A IDÉIA QUE O MUNDO EXTERIOR É MELHOR QUE O DELES PRÓPRIOS

Guaira Flor
 Da equipe do Correio

Eles viveram quase 200 anos longe da civilização, escondidos, sem ao menos saber que a escravidão tinha acabado. Fugidos das minas de ouro de Goiás, onde trabalhavam sem descanso, construíram suas pequenas casas em uma região na qual nenhum capitão-mato conseguiria entrar: entre o largo rio Paranã e os montes do extremo norte de Goiás. Assim, mantiveram-se isolados do mundo, das guerras e da modernidade. Escondidos inclusive de si mesmos, já que preferiram morar longe uns dos outros, para não chamar a atenção do homem branco. Assim, os netos, bisnetos e trinets dos escravos do século XVIII sobreviveram e mantiveram suas culturas e tradições durante séculos.

Agora, 20 anos depois do primeiro contato com o mundo moderno, têm de enfrentar novos desafios — ainda mais perigosos que os capitães-do-

mato que perseguiram seus antepassados. Foi impossível, por exemplo, escapar do alcance da tecnologia. Embora não tenham energia elétrica ou água encanada, eles sonham com a magia da televisão, dos discos e das bijuterias baratas vendidas nas feiras da pequena cidade de Monte Alegre (GO). E a educação formal, que também chegou por lá, ao invés de representar uma saída acabou se transformando em mais uma armadilha.

Os professores que ensinam as dezenas de crianças kalungas não têm preparo para lidar com a realidade dessa comunidade. Por isso, falam com eles sobre globalização, filmes, desenhos animados e uma tal Internet. Mostram, desta forma, que a vida na cidade é supostamente mais agradável. Atraídos por estas maravilhas, os jovens kalungas deixam de lado os ideais de liberdade e o orgulho de ser quilombola e começam a deixar o passado para trás. "As crianças que saem daqui para estudar e nunca mais voltam", diz, inconformado, Sirilo dos

Santos, 46 anos, kalunga do quilombo de Cavalcante. "No meu tempo, a gente gostava de viver aqui, nas nossas terras. Agora, os jovens preferem ser pobres na cidade."

DUAS HORAS A PÉ

As escolas kalungas existem, embora em condições precárias, desde 1997. Cada colégio — geralmente montada em uma tapera com paredes de barro e teto de palha — tem uma única sala de aula, sem iluminação, água, carteiras ou merendas. Para chegar até lá, muitas crianças andam uma ou duas horas a pé. "Eu acordo ao amanhecer e venho pra cá andando", conta Adão Castro, dez anos. "Costumo chegar um pouco atrasado, depois das 8h. As vezes dá preguiça, mas eu venho mesmo assim porque sei que preciso estudar para ser alguém na vida."

Mas o que é ser alguém na vida? Sair do quilombo e viver onde existe eletricidade? Para eles, parece que sim. A fim de

melhorar as condições de ensino dessa população de quase duas mil pessoas, o Fundesco-la (programa do Ministério da Educação que visa ampliar o acesso à educação nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste) está montando no quilombo duas escolas. Dessa vez, construídas em alvenaria, com telhado vermelho e direito até mesmo à energia elétrica, à base de gerador ou energia solar. Previstas para ficarem prontas em maio, os novos colégios desde já atraem a atenção da comunidade. As crianças, que nunca tiveram acesso a esse tipo de infraestrutura, estão ansiosas pela conclusão do prédio. "Agora não vai ter mais problema de aula quando chover", diz Maura Fernandes de Castro, 18 anos, aluna da 4ª série. "Com um lugar tão bonito para ficar, dá até mais vontade de estudar."

O que os kalungas não sabem é que a infraestrutura da escola é o menor dos problemas educacionais da região. De que adianta ter um prédio moderno e colorido, quando faltam professores prepara-

dos para lidar com eles? E mais: o que acontece com as crianças como Orotilda Pereira das Virgens, a Tida, que concluiu a 4ª série (a última oferecida para as crianças da região)? Nem o governo federal nem o município têm a resposta. "O papel do Fundef é o de construir a escola, para torná-la mais atraente à população, ajudando a diminuir a evasão escolar e o número de crianças fora das salas", explica Emílio Marques, diretor do programa. "Em contrapartida, o estado ou município beneficiado se compromete a fazer a nova escola funcionar com qualidade."

SEM ESTRATÉGIAS

Como não existem programas curriculares voltados exclusivamente para a população quilombola, cada município tem encontrado as próprias soluções — sejam elas eficazes ou não. A prefeitura de Monte Alegre, responsável pelo ensino dos kalungas do vale do Rio Paranã, por exem-

plo, sequer tem estratégia resolver a falta de treinamento dos educadores e do ensino de 5ª a 8ª série. A princípio, eles irão apenas transferir os alunos para as novas escolas. Depois, com o tempo, pretendem implantar a alfabetização de adultos, que só funciona quando aparecem alunos dispostos a enfrentar quilômetros de estrada de chão, depois de um dia de trabalho na roça. Aos alunos como Tida, que concluíram a 4ª série, só restam duas alternativas: cursar novamente a mesma série (o que a menina está fazendo) ou se mudar para uma cidade com escola. Uma vez fora da Kalunga — em uma realidade diferente e sem a presença dos pais — muitas dessas crianças passam a ser exploradas por adultos, entram em contato com as drogas e engravidam. Conseqüentemente, deixam de estudar e vão engrossar os bolsões de miséria de Goiás.

CONTINUA NA
PÁGINA 3

CONTINUAÇÃO DA CAPA

Crianças negras que só desenham pessoas brancas. Esse é apenas mais um sinal de que os meninos e meninas remanescentes de quilombos não têm a mínima idéia do valor de sua raça e história

QUERO SER BRANCO

Passados quase 20 anos do primeiro contato dos kalungas com o mundo moderno, ainda é difícil encontrá-los em meio à densa vegetação do Vale do Rio Paranã. Para chegar em suas terras, é preciso enfrentar quase duas horas de estrada de chão, subindo e descendo morros, em um caminhão ou picape. A cidade mais próxima do antigo quilombo é Monte Alegre (GO), a 330 quilômetros de Brasília. Durante a viagem, dificilmente se avistam os moradores da região. As casas, então, são ainda mais raras. Construídas no meio da mata, a maioria não pode ser vista da beira da estrada. Tampouco existem trilhas que indiquem o caminho para encontrá-las. "Aqui só se chega de a pé (sic), de montado (a cavalo) ou de canoa", explica Seu Salustiano Fernandes, 76 anos, um dos moradores mais antigos. Por isso, somente quem conhece bem a região (geralmente, os próprios kalungas) é capaz de indicar onde estão escondidas as mais de 800 famílias que vivem por lá, às margens do rio e do século XXI.

A população kalunga de hoje em nada lembra a da década de 80. Quando o homem branco os encontrou pela primeira vez, eles tinham um vocabulário próprio e bem peculiar — embora também falassem português. Os adultos viviam do que a terra podia lhes dar e transmitiam, oralmente, sua história para os filhos e netos. Hoje, depois de conhecer a vida fora do quilombo, eles fazem questão de falar um bom e claro português. A tradição dos seus antepassados sobrevive quase que exclusivamente no coração dos mais velhos. O que pensam as crianças kalungas sobre o assunto? Quase ninguém sabe. Inconscientemente, elas mantêm um traço característico dos antigos quilombolas: o olhar desconfiado de quem foi perseguido por quase toda a vida. Além disso, pouco falam. Até mesmo a professora Sandra Ferreira, que dá aula na escola-nha de Bom Jardim (um dos nove núcleos kalungas do Paranã), há quatro anos, tem dificuldade em saber o que pensam os alunos. "Eles são assim quietos o tempo todo", entrega. "Só sei que estão aprendendo porque vejo o resultado nos trabalhos escritos."

Mas a avaliação da professora não devia ficar restrita à gramática ou à exatidão das contas. O importante é descobrir quais valores estão sendo transmitidos para essas crianças na sala de aula. Essa é uma das principais preocupações da Fundação Cultural Palmares. O coordenador de Comunidades Remanescentes de Quilombos da instituição, Murilo Santos, acredita que grande parte dos educadores que trabalham em quilombos pensa que essas crianças vivem a mesma realidade que nós. "É por isso que, no Dia dos Pais, fazem um cartaz cheio de figuras de um homem branco, com uma pastinha de executivo", lamenta. Segundo Santos, ao verem esse modelo na escola, as crianças passam a sentir vergonha dos pais (que andam com roupas velhas e enxada na mão) e de si mesmas. "Por conta disso, é comum ver crianças quilombolas desenharem pessoas brancas, o que é a negação de sua própria raça e cultura", completa. "Muitas delas sentem vergonha de não serem



ALUNOS KALUNGAS APRENDEM A LER, ESCREVER E SONHAR COM O MUNDO MODERNO NA ESCOLA PÚBLICA DE PAU-A-PIQUE, ONDE ESTUDAM SEM MERENDA OU INFRA-ESTRUTURA

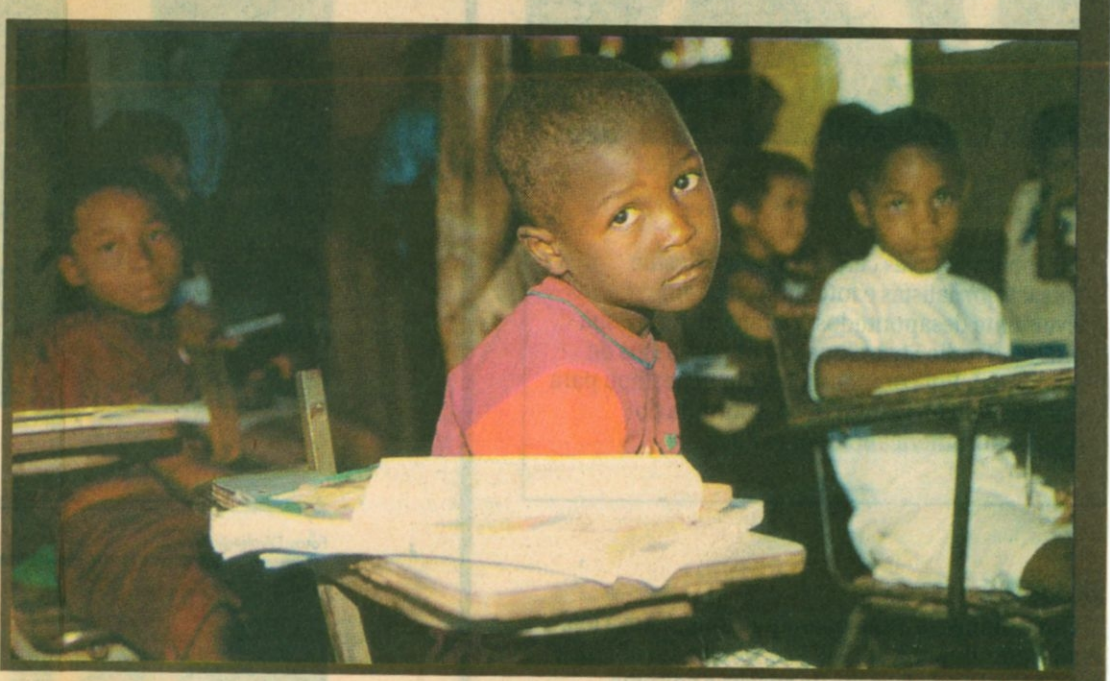
ONDE ESTÃO OS KALUNGAS

O Sítio Histórico Kalunga fica entre Teresina, Cavalcante e Monte Alegre e tem 237 mil hectares (quase o mesmo tamanho da cidade de São Paulo). Lá, existem cinco comunidades de quilombolas: Vão do Moque, Ribeirão dos Bois, Vão das Almas, Contenda e Kalunga



ESCOLA KALUNGA: ERGUIDA EM MEIO À Densa VEGETAÇÃO DO VALE DO RIO PARANÃ E MUITO LONGE DO SÉCULO XXI

- ### QUILOMBOS NO BRASIL
- Existem 743 comunidades remanescentes de quilombo espalhadas em quase todo o país, segundo dados da Fundação Palmares. Destas, 38 foram reconhecidas pelo governo e 18 receberam a posse da terra onde vivem. Os quilombos reconhecidos são
- 1 Kalunga (Monte Alegre, Teresina e Cavalcante, Goiás)
 - 2 Mata Caval (Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso)
 - 3 Furnas de Boa Sorte (Corguinho, Mato Grosso do Sul)
 - 4 Furnas do Dionísio (Jaguari, Mato Grosso do Sul)
 - 5 Mangal (Sítio do Mato, Bahia)
 - 6 Barra, Bananal e Riacho das Pedras (Rio das Contas, Bahia)
 - 7 Mangal/Barro Velho (Bom Jesus da Lapa, Bahia)
 - 8 Rio das Rãs (Bom Jesus da Lapa, Bahia)
 - 9 Campinho da Independência (Paraty, Rio de Janeiro)
 - 10 Ivaporanduba (Eldorado, São Paulo)
 - 11 Porto Coris (Leme do Prado, Minas Gerais)
 - 12 Santana (Quatis, Rio de Janeiro)
 - 13 Castanho (Garanhuns, Pernambuco)
 - 14 Conceição das Crioulas (Salgueiro, Pernambuco)
 - 15 Mocambo (Porto da Folha, Sergipe)
 - 16 Itamaori (Cachoeira do Pirá, Pará)
 - 17 São José, Mata, Cuece, Apui, Silêncio, Castanhuba (Óbidos, Pará)
 - 18 Curiaú (Macapá, Amapá)



O OLHAR MELANCÓLICO DAS CRIANÇAS KALUNGAS REFLETE A VONTADE DE VIVER NUMA REALIDADE MAIS "BRANCA"

como as pessoas que vêm nas revistas." Por isso, a Fundação Palmares pretende montar até o fim do ano um programa de treinamento para os professores que atendem essas comunidades. "A educação que eles devem levar aos quilombos deve

valorizar a cultura e as tradições dessa população, e não da nossa civilização", defende Carlos Moura, presidente da Fundação. "É claro que eles precisam ter contato com as novas tecnologias, mas primeiro é preciso valorizar o que eles têm, para depois trazer o que vem de fora. Só assim eles poderão continuar cientes do papel que têm de guardiões da cultura afro-brasileira, lutando por seus direitos." A questão de criar turmas de 5ª a 8ª série é ainda mais complicada, pois exige um número maior de profissio-

nais, para as diferentes disciplinas. Se já é difícil atrair e manter um professor de 1ª a 4ª, imagine como não seria manter cinco, ou mais educadores, morando nessa região. Isso mesmo, morando, pois os professores só podem voltar para a cidade a cada 15 dias. Nesse meio tempo, vivem como o restante da comunidade, sem água, energia ou conforto. "É difícil se acostumar, mas espero poder ajudá-los ficando aqui", afirma o professor Marcelo Nonato dos Santos, 24 anos, recém-chegado em Kalungas. (GF)